SARAH
DESSEN

Só escute

Tradução
ALESSANDRA ESTECHE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2006 by Sarah Dessen
Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio.
Publicado mediante acordo com Viking Children's Books, um selo do Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Just Listen

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA © Paige Nelson/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dessen, Sarah
Só escute / Sarah Dessen ; tradução Alessandra Esteche.
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: Just Listen.
ISBN 978-85-5534-058-1

1. Ficção norte-americana 2. Literatura juvenil
I. Título.

17-07312 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

/editoraseguinte
@editoraseguinte
Editora Seguinte
editoraseguinte
editoraseguinteoficial

Só escute

1

Gravei o comercial em abril, antes de tudo acontecer, e logo esqueci. Algumas semanas atrás, começou a passar na TV, e de repente eu estava por toda parte.

Nas TVs penduradas sobre os elípticos na academia. Na TV do correio que deveria servir como distração para as pessoas esquecerem o tempo que estão passando na fila. E agora aqui, na TV do meu quarto, enquanto estou sentada na beirada da cama, com os punhos cerrados, tentando me obrigar a levantar e sair.

— *Mais uma vez chegou aquela época do ano…*

Olhei para mim mesma na tela, para como eu era cinco meses antes, procurando alguma diferença, alguma prova visível do que acontecera comigo. Fui tomada pela estranheza de me encarar sem a mediação de um espelho ou de uma fotografia. Ainda não me acostumei com isso, mesmo depois de todo esse tempo.

— *Futebol americano…* — Me ouvi dizer. No vídeo, estou com um uniforme de líder de torcida azul-bebê, com o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado e segurando um megafone enorme, do tipo que ninguém mais usa, com um K estampado.

— *Sala de estudos*. — Agora estou com uma saia xadrez e um suéter marrom curto, que pinicava e não combinava, pois estava esquentando.

— *E, é claro, vida social.* — Me aproximei, observando a eu da TV, agora em um jeans e uma camiseta brilhante, sentada em um banco e virando para falar para a câmera enquanto um grupo de garotas conversava baixinho atrás.

O diretor, recém-saído da escola de cinema, me explicou o conceito de sua… criação. "A garota que tem tudo", ele tinha dito, fazendo um círculo pequeno com as mãos, como se bastasse para abranger um conceito tão vasto, para não dizer vago. Claramente, significava ter um megafone, um pouco de inteligência e um grande grupo de amigos. Talvez eu não tivesse percebido a ironia explícita do último item naquele momento, mas a eu da tela já estava seguindo adiante.

— *Tudo isso vai acontecer este ano* — eu disse na tela. Agora estou em um vestido rosa, com uma faixa no ombro que dizia RAINHA DO BAILE e um garoto de smoking ao meu lado oferecendo o braço. Aceito, com um sorriso largo. Ele estava na universidade e foi muito reservado durante a filmagem, mas no fim, quando eu estava indo embora, pediu meu telefone. Tinha esquecido completamente aquilo.

— *A melhor época* — a eu da tela dizia agora. — *As melhores memórias. E você vai encontrar as melhores roupas para todos os momentos na Kopf.*

A câmera se aproximou mais e mais, até que só aparecesse meu rosto na tela. Aquilo tinha sido antes daquela noite, antes de tudo o que acontecera com Sophie, antes do verão longo e solitário de segredos e silêncio. Eu estava perdida, mas a garota do comercial estava bem. Dava para perceber no olhar confiante que lançou para mim e para o mundo quando abriu a boca para falar de novo.

— *Faça do Ano-Novo o melhor de todos* — ela disse, e me senti perdendo o fôlego em antecipação à próxima fala, a última, a que agora era finalmente verdade. — *É hora de voltar à escola.*

A imagem congelou e o logo da Kopf apareceu embaixo da

tela. Em instantes, viria um comercial de waffle congelado ou a previsão do tempo, mas não esperei. Peguei o controle, desliguei minha própria imagem e saí do quarto.

Tive mais de três meses para me preparar para ver Sophie. Mas, quando a hora chegou, eu ainda não estava pronta.

Estava no estacionamento antes do sinal tocar, tentando reunir coragem para sair e começar o ano oficialmente. Enquanto as pessoas passavam a caminho do pátio, conversando e rindo, considerei todas as possibilidades. Talvez ela houvesse esquecido. Talvez acontecera outra coisa durante o verão, mais importante que nosso pequeno drama. Talvez não tivesse sido tão ruim quanto estava achando. Tudo aquilo era muito improvável, mas possível.

Fiquei sentada no carro até o último minuto antes de finalmente tirar a chave da ignição. Quando virei para abrir a porta, ela estava bem ali.

Por um segundo, ficamos nos encarando. Percebi na hora as mudanças nela: o cabelo escuro e enrolado estava mais curto, os brincos eram novos. Ela estava mais magra, o que não achei que fosse possível, e tinha desistido do delineado grosso que usara na primavera, preferindo uma maquiagem mais natural, em tons de bronze e cor-de-rosa. Me perguntei, naquela primeira olhada, o que ela tinha visto de diferente em mim.

Assim que pensei isso, Sophie abriu os lábios perfeitos, semicerrou os olhos e entregou o veredicto que esperei o verão inteiro.

— Vagabunda.

O vidro entre nós não abafou o som ou a reação das pessoas que passavam por ali. Vi uma garota da minha turma de inglês do ano anterior semicerrando os olhos, enquanto uma que eu não conhecia riu em voz alta.

Sophie, no entanto, permaneceu sem expressão enquanto me dava as costas, jogando a bolsa sobre um dos ombros e indo em direção ao pátio. Fiquei vermelha e podia sentir as pessoas me observando. Eu não estava pronta para aquilo, mas talvez jamais estivesse, e o ano, como todo o resto, não ia esperar. Não tinha escolha a não ser sair do carro com todo mundo me olhando e encarar a situação sozinha. Então foi o que fiz.

Tinha conhecido Sophie quatro anos antes, no início do verão, depois do sexto ano. Eu estava no clube, na fila da lanchonete, segurando duas notas molhadas para comprar uma coca, quando senti alguém atrás de mim. Virei a cabeça e vi uma garota com um biquíni laranja minúsculo e chinelos plataforma. Ela tinha a pele bronzeada e o cabelo cacheado escuro e grosso preso em um rabo de cavalo alto, estava com óculos escuros pretos e parecia entediada e impaciente. Todos se conheciam no bairro, então parecia que ela tinha brotado do chão. Não tive a intenção de encarar, mas provavelmente foi o que fiz.

— O que foi? — ela disse. Eu conseguia me ver refletida nas lentes dos óculos escuros dela, pequena e desproporcional. — O que está olhando?

Senti meu rosto corar, como acontecia sempre que alguém levantava a voz para mim. Eu era muito sensível àquele tipo de coisa, até seriados de tribunal me deixavam incomodada — eu sempre tinha que mudar de canal quando o juiz falava mais alto com alguém.

— Nada — respondi, e virei para a frente.

Instantes depois, o cara da lanchonete me chamou, parecendo cansado. Enquanto ele servia minha bebida, eu podia sentir a presença pesada da garota atrás de mim à medida que eu desdobrava as notas sobre o vidro do balcão, me concentrando em alisar cada

vinco. Paguei e me afastei, mantendo os olhos no cimento manchado enquanto voltava para onde minha melhor amiga, Clarke Reynolds, estava me esperando.

— Whitney mandou dizer que foi para casa — ela disse, assoando o nariz enquanto eu deixava cuidadosamente a coca no chão ao lado da minha cadeira. — Falei para ela que podemos ir andando.

— Tá bom — respondi.

Minha irmã tinha acabado de tirar a carteira de motorista, o que significava que ela tinha que me levar quando eu saía. Voltar para casa, no entanto, continuava sendo minha responsabilidade — fosse do clube, que ficava perto, ou do shopping, que ficava em outra cidade. Whitney já gostava de ficar sozinha naquela época. Qualquer espaço à sua volta era reservado; a gente já estava invadindo seu espaço apenas ao existir.

Depois que sentei, me permiti observar de novo a garota de biquíni laranja. Ela tinha saído da lanchonete e estava em pé do outro lado da piscina, com a toalha pendurada em um dos braços e uma bebida na outra mão, analisando os bancos e as cadeiras de praia.

— Toma — Clarke disse, entregando o maço de cartas que estava segurando. — Sua vez.

Ela era minha melhor amiga desde os seis anos. Havia muitas crianças no nosso bairro, mas por algum motivo a maioria era adolescente, como minhas irmãs, ou muito mais nova. Nossas mães se conheceram em uma reunião de bairro quando a família dela chegou de Washington. Assim que perceberam que tínhamos a mesma idade, elas marcaram de nos encontrarmos para brincar e nunca mais nos separamos.

Clarke nasceu na China, e os Reynolds a adotaram quando tinha seis meses. A única coisa que tínhamos em comum era a altura. Eu era loira e tinha olhos azuis, uma típica Greene, enquanto ela

tinha o cabelo mais escuro e brilhante que eu já tinha visto e os olhos tão castanhos que eram quase pretos. Enquanto eu era tímida e gostava de agradar, Clarke era séria. Seu tom, sua personalidade e sua aparência eram medidos e pensados. Eu sempre tinha sido modelo, seguindo os passos das minhas irmãs; Clarke era totalmente moleca, a melhor no futebol e exímia no baralho, principalmente no buraco. Sempre ganhava de mim.

— Posso tomar um gole? — Clarke perguntou, espirrando em seguida. — Está quente aqui.

Assenti, me abaixando para pegar a coca. Clarke era muito alérgica, mas no verão ficava pior. Ela geralmente ficava com o nariz entupido ou escorrendo de abril a outubro, e nenhuma injeção ou comprimido parecia ajudar. Eu já tinha me acostumado com a voz nasalada e com o pacote de lenços que ela sempre carregava.

Havia uma hierarquia organizada na piscina: os salva-vidas ficavam nas mesas próximas à lanchonete, as mães e crianças pequenas ficavam na parte rasa e na piscina dos bebês (ou seja, do xixi), Clarke e eu preferíamos a área com sombra atrás dos escorregadores, os garotos populares — como Chris Pennington, três anos mais velho que eu e o cara mais lindo de todo o bairro e, eu achava na época, talvez do mundo — ficavam perto do trampolim. O melhor lugar era a fila de cadeiras entre a lanchonete e as raias, onde costumavam ficar as garotas populares da escola. Era onde minha irmã mais velha, Kirsten, estava deitada em uma espreguiçadeira, vestindo um biquíni pink e se abanando com uma revista.

Depois que dei as cartas, me assustei ao ver a garota de biquíni laranja ir até onde Kirsten estava e pegar a cadeira ao lado dela. Molly Clayton, melhor amiga da minha irmã, que estava do outro lado, a cutucou e fez um sinal em direção à garota. Kirsten olhou

para ela, deu de ombros e deitou de novo, jogando o braço por cima do rosto.

— Annabel? — Clarke já estava com as cartas em mãos, impaciente para começar a me detonar. — É sua vez.

— Ah — eu disse, virando para ela. — Tá.

Na tarde seguinte, a garota voltou, daquela vez com um maiô prateado. Quando cheguei, ela estava na mesma cadeira que minha irmã tinha ocupado no dia anterior, com a toalha esticada, uma garrafa de água ao lado e uma revista no colo. Clarke tinha aula de tênis, então eu estava sozinha quando Kirsten chegou com as amigas uma hora depois. Elas entraram chamando a atenção como sempre, batendo os chinelos no chão. Quando chegaram ao lugar de sempre e viram a garota sentada ali, pararam e se olharam. Molly Clayton parecia irritada, mas Kirsten simplesmente pulou umas quatro cadeiras e se instalou ali.

Nos dias seguintes, vi a garota nova teimar em tentar se infiltrar no grupo da minha irmã. Ela começou com uma simples cadeira, mas, no terceiro dia, já estava indo até a lanchonete atrás delas. Na tarde seguinte, entrou na piscina segundos depois delas, e ficou a menos de meio metro de distância enquanto conversavam e gesticulavam, jogando água uma na outra. No fim de semana, já estava na cola delas, como uma sombra.

Devia ser irritante. Vi Molly lançar alguns olhares antipáticos, e até Kirsten tinha pedido licença um dia em que ela se aproximara demais na piscina. Mas a garota não parecia se importar. Na verdade, pareceu aumentar seus esforços, como se não importasse o que elas dissessem desde que falassem com ela.

— Então — minha mãe disse durante um jantar —, fiquei sabendo que uma família se mudou para a casa dos Daughtry, na Sycamore.

— Os Daughtry foram embora? — meu pai perguntou.

Minha mãe assentiu.

— Em junho. Para Toledo. Lembra?

Meu pai pensou por um segundo.

— É mesmo — ele respondeu. — Toledo.

— Também fiquei sabendo — minha mãe continuou, passando o macarrão para Whitney, que imediatamente o passou para mim — que eles têm uma filha da sua idade, Annabel. Acho que a vi um dia desses quando estava na Margie.

— É mesmo? — eu disse.

Ela assentiu.

— Ela tem o cabelo escuro e é um pouco mais alta que você. Talvez já tenham se visto pelo bairro.

Refleti por um segundo.

— Não sei…

— É ela! — Kirsten disse de repente, largando o garfo, que tiniu. — A maníaca da piscina. Meu Deus! Eu *sabia* que ela era mais nova do que a gente.

— Espera aí. — Agora meu pai estava prestando atenção. — Tem uma maníaca na piscina?

— *Espero* que não — minha mãe respondeu, parecendo preocupada.

— Ela não é uma maníaca de verdade — Kirsten disse. — É só uma garota que anda atrás da gente. É tão estranho. Ela, tipo, senta do nosso lado, segue a gente por toda parte em silêncio, fica escutando o que estamos falando. Já mandei que parasse, mas ela me ignorou. Meu Deus! Não acredito que ela tem *doze* anos. É pior do que eu pensava.

— Que drama! — Whitney resmungou, espetando uma folha de alface com o garfo.

Ela tinha razão. Kirsten era a rainha do drama. Suas emoções estavam sempre à toda, assim como sua boca — ela nunca para-

va de falar, mesmo quando sabia que a gente não estava ouvindo. Whitney, ao contrário, ficava sempre quieta, o que fazia com que as palavras que saíam de sua boca fossem muito mais significativas.

— Kirsten, seja legal — minha mãe disse.

— Mãe, eu tentei. Mas, se você visse, entenderia. É estranho.

Minha mãe tomou um gole do vinho.

— Mudar de bairro é difícil. Talvez ela não saiba como fazer amigos…

— Isso é óbvio — Kirsten disse.

— … o que quer dizer que você precisa ajudar — minha mãe concluiu.

— Ela tem *doze anos* — Kirsten respondeu, como se fosse uma espécie de doença.

— Sua irmã também — meu pai observou.

Kirsten pegou o garfo e apontou para ele.

— Exatamente — ela disse.

Ao meu lado, Whitney bufou. Mas minha mãe, claro, já estava dirigindo a atenção a mim.

— Bom, Annabel — ela disse. — Talvez você devesse tentar, caso a encontre. Dê oi ou algo do tipo.

Não contei à minha mãe que já tinha conhecido a garota, principalmente porque ela teria ficado horrorizada com a grosseria com que me tratara. Não que aquilo fosse mudar suas expectativas em relação ao meu comportamento. Minha mãe era a miss simpatia, e esperava que nós também fôssemos, independente das circunstâncias. Sempre devíamos ser legais.

— Tá bom — respondi. — Pode ser.

— Boa garota — ela disse. E esperei que aquilo acabasse ali.

Na tarde seguinte, no entanto, quando Clarke e eu chegamos à piscina do clube, Kirsten já estava lá, com Molly de um lado e a garota nova do outro. Tentei ignorar aquilo enquanto nos instalá-

vamos no nosso lugar de sempre, mas acabei olhando para elas e vi minha irmã me encarando. Quando ela levantou logo depois para ir até a lanchonete, ainda me encarando, e a garota nova imediatamente a seguiu, eu soube o que precisava fazer.

— Já volto — disse a Clarke, que estava lendo um livro do Stephen King e assoando o nariz sem parar.

— Tá — ela respondeu.

Levantei e dei a volta pelo trampolim, cruzando os braços sobre o peito ao passar por Chris Pennington. Ele estava deitado em uma espreguiçadeira, com uma toalha cobrindo os olhos, enquanto alguns de seus amigos brincavam de lutinha no deck da piscina. Agora, em vez de ficar observando o garoto discretamente — o que tinha sido minha principal atividade na piscina naquele verão, além de nadar e perder todos os jogos de baralho —, eu ia ser alvo de mais uma grosseria, só porque minha mãe insistia que nos comportássemos como boas samaritanas. Ótimo.

Eu podia ter contado a Kirsten sobre meu encontro anterior com a garota, mas sabia que era melhor não dizer nada. Ao contrário de mim, ela não fugia de um confronto — na verdade, procurava por um, e sempre saía como a vencedora. Ela era o barril de pólvora da família, e eu já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha ficado de lado, encolhida e envergonhada, enquanto ela deixava seu descontentamento bem claro para vendedores, motoristas ou ex-namorados. Eu a amava, mas ela me deixava nervosa.

Whitney, ao contrário, fervia em silêncio. Ela nunca dizia que estava brava. A gente simplesmente sabia pela expressão em seu rosto, pelo olhar fumegante, pelos suspiros pesados que soavam em alto e bom som, tão depreciativos que seriam preferíveis palavras, quaisquer que fossem. Quando Whitney e Kirsten brigavam — o que, havendo apenas dois anos de diferença entre elas, era muito comum —, parecia uma briga unilateral no início, já que só se ou-

via Kirsten listando acusações sem parar. Prestando mais atenção, no entanto, era possível notar os silêncios pesados e pesarosos de Whitney, e as respostas que ela dava, embora raras, eram muito mais severas do que os comentários redundantes de Kirsten.

Uma era aberta; a outra, fechada. Não é de admirar que a primeira coisa que me vinha à cabeça quando eu pensava em qualquer uma das minhas irmãs era uma porta. Kirsten era a porta da frente da nossa casa, pela qual ela sempre entrava e saía, geralmente tagarelando, com um bando de amigas atrás. Whitney era a porta do quarto, que ela preferia manter fechada, uma barreira constante entre si própria e o restante de nós.

Já eu ficava em algum lugar no meio do caminho entre minhas irmãs e suas personalidades fortes. Era a personificação da imensa zona cinzenta que as separava. Não era corajosa e franca nem silenciosa e calculista. Não sabia como as pessoas me viam ou o que vinha à cabeça delas ao ouvir meu nome. Era só Annabel.

Minha mãe, avessa a qualquer conflito, odiava quando minhas irmãs brigavam.

— Por que não conseguem ser gentis uma com a outra? — ela implorava.

As duas reviravam os olhos, mas eu absorvi a mensagem: ser gentil era o ideal, a única maneira de não levantarem a voz ou dirigirem um silêncio assustador a você. Ao ser gentil, não precisava me preocupar com gritos. Mas aquilo não era tão fácil quanto parecia, principalmente porque o mundo pode ser bem malvado.

Quando cheguei à lanchonete, Kirsten já tinha desaparecido (claro), mas a garota ainda estava ali, esperando que o cara atrás do balcão trouxesse seu chocolate. *Bom,* pensei. *Aqui vamos nós.*

— Oi — eu disse. Ela apenas ficou me encarando, com uma expressão indecifrável. — É… Meu nome é Annabel. Você acabou de se mudar, né?

Ela não disse nada por um bom tempo. Enquanto isso, Kirsten saiu do banheiro feminino e parou quando nos viu conversando.

— Eu… — continuei. — É… Acho que estamos no mesmo ano na escola.

A garota ajeitou os óculos escuros.

— E? — ela disse, com a mesma voz aguda e mal-humorada da primeira vez que tinha falado comigo.

— Só pensei que… você sabe, temos a mesma idade, talvez você quisesse sentar com a gente. Ou sei lá.

Outra pausa. Então a garota respondeu:

— Quer que eu sente com vocês?

Ela fez a ideia soar tão ridícula que comecei a me afastar de imediato.

— Bom… se não quiser, não precisa — eu disse. — Só…

— Não — ela me interrompeu. Então jogou a cabeça para trás e riu. — Não *mesmo*.

Se estivesse sozinha, a coisa toda teria acabado aí. Eu teria dado as costas com o rosto vermelho de vergonha e voltado para onde Clarke me esperava. Fim. Mas eu não estava.

— Espera aí — Kirsten disse em alto e bom som. — O que você falou?

A garota virou. Quando viu minha irmã, arregalou os olhos.

— O que foi? — ela perguntou, e eu não pude deixar de perceber o quanto a pergunta, a mesma que tinha me feito naquele primeiro dia, soava diferente agora.

— Eu disse: *o que você falou*? — Kirsten repetiu afiada.

Putz.

— Nada — a garota respondeu. — Eu só…

— Ela é minha irmã — Kirsten disse, apontando para mim. — Você foi grossa com ela.

Àquela altura, eu já estava encolhida e vermelha. Kirsten, no entanto, pôs a mão na cintura, o que queria dizer que estava só começando.

— Não fui grossa — a garota respondeu, tirando os óculos escuros. — Só…

— Você foi, sim, e sabe disso — minha irmã rebateu, interrompendo-a. — Não adianta negar. E para de me seguir, entendeu? É assustador. Vem, Annabel.

Fiquei paralisada, só observando o rosto da garota. Sem os óculos escuros, abalada, ela *parecia* ter doze anos. Ela ficou nos observando enquanto Kirsten me pegava pelo punho e me arrastava para onde estava sentada com as amigas.

— Inacreditável — minha irmã disse. Quando olhei para o outro lado da piscina, vi Clarke me encarando, confusa, enquanto Kirsten me colocava na sua cadeira. Molly sentou, piscando e segurando as alças desamarradas do biquíni.

— O que aconteceu? — ela perguntou. Enquanto Kirsten contava, olhei para a lanchonete, mas a garota não estava mais lá. Eu a encontrei atravessando o estacionamento, descalça, olhando para baixo. Ela tinha deixado as coisas na cadeira ao lado da que eu estava sentada agora — toalha, sandálias, a bolsa com uma revista, carteira e uma escova de cabelo rosa. Fiquei esperando que percebesse e voltasse para buscar, mas ela não o fez.

As coisas ficaram lá a tarde toda. Voltei para onde estava sentada com Clarke e contei a ela o que tinha acontecido. Jogamos várias partidas de buraco e nadamos até nossos dedos ficarem enrugados. Kirsten e Molly foram embora, e outras pessoas pegaram suas cadeiras. O salva-vidas finalmente soprou o apito anunciando que a piscina ia fechar, e a Clarke e eu juntamos nossas coisas, queimadas de sol, com fome e prontas para ir para casa.

Sabia que aquela garota não era problema meu. Ela tinha sido

grossa comigo duas vezes, e não merecia minha piedade ou minha ajuda. Mas, quando passamos pela cadeira, Clarke parou.

— Não podemos deixar as coisas dela aqui — Clarke disse, abaixando para pegar as sandálias e as guardando dentro da bolsa. — A casa dela fica no caminho.

Eu poderia ter reclamado, mas me lembrei da garota atravessando o estacionamento descalça e sozinha. Então peguei a toalha da cadeira e dobrei.

— Tá… — eu disse.

Quando chegamos à antiga cada dos Daughtry, fiquei aliviada ao ver que todas as luzes estavam apagadas e não tinha nenhum carro na garagem, então podíamos simplesmente deixar as coisas ali e ir embora. Quando Clarke se abaixou para deixar a bolsa na entrada, a porta abriu e a garota apareceu.

Ela estava com um short desfiado, uma camiseta vermelha e o cabelo preso em um rabo de cavalo. Sem óculos escuros. Sem sandálias de salto. Quando viu a gente, ficou vermelha.

— Oi — Clarke disse, depois de um silêncio longo o suficiente para parecer esquisito. Ela espirrou antes de completar: — Trouxemos suas coisas.

A garota ficou nos encarando por um instante, como se não tivesse entendido o que havia dito. Com a congestão da Clarke, aquilo era bem provável. Abaixei para pegar a bolsa e entreguei a ela.

— Você deixou isso na piscina — falei.

Ela olhou para a bolsa e depois para mim, apreensiva.

— Ah — disse, estendendo a mão para pegá-la. — Obrigada.

Um grupo de crianças passou de bicicleta atrás de nós, conversando alto. Então tudo ficou em silêncio de novo.

— Querida? — Ouvi uma voz vinda do fim do corredor escuro. — Tem alguém na porta?

— Não é nada — ela disse por cima do ombro. Então deu um

passo à frente, fechou a porta atrás de si e saiu para a varanda. Ela passou por nós apressada, mas não antes que eu percebesse que seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela tinha chorado. E, de repente, como tantas outras vezes, ouvi a voz da minha mãe: "Mudar de bairro é difícil. Talvez ela não saiba como fazer amigos".

— Olha… — eu disse. — Sobre o que aconteceu antes, minha irmã…

— Não tem problema — ela disse, me interrompendo. — Está tudo bem. — Sua voz vacilou um pouco e ela deu as costas para nós, cobrindo a boca com a mão. Fiquei ali, parada, sem saber o que fazer. Quando olhei para Clarke, vi que ela já estava enfiando a mão no bolso para pegar o pacote de lenços que sempre levava consigo. Tirou um e foi até a garota. Um segundo depois, ela pegou o lenço em silêncio e limpou o rosto.

— Meu nome é Clarke. Esta é Annabel.

Nos anos que viriam, eu sempre me lembraria desse momento. Clarke e eu, no verão depois do sexto ano, paradas atrás daquela garota. Tantas coisas poderiam ter sido diferentes para mim, para todas nós, se outra coisa tivesse acontecido naquele instante. Na época, no entanto, o momento em que ela virou para nós sem chorar — parecendo muito bem, na verdade — pareceu passageiro e sem importância como qualquer outro.

— Oi — ela disse. — Meu nome é Sophie.